

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ADSON GOMES GOMES**

Lendas Amazônicas: Representação da Literatura oral nas toadas de Boi-Bumbá do  
Festival Folclórico de Parintins

**PARINTINS – AM**

**2025**

**ADSON GOMES GOMES**

Lendas amazônicas: representação da literatura oral nas toadas de boi-bumbá do festival folclórico de Parintins

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA  
**Orientadora:** Me. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM  
2025**

## **ADSON GOMES GOMES**

Lendas amazônicas: representação da literatura oral nas toadas de boi-bumbá do festival folclórico de Parintins

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

**Aprovado em:** 19/05/2025

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Dilce Pio Nascimento (Presidente CESP/UEA) Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Maria Celeste de Souza Cardoso – (CESP/UEA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Heloísa Reis Curvelo - (UFMA)

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

G6331      Gomes, Adson Gomes  
Lendas amazônicas: representação da literatura oral nas toadas de boi-bumbá do festival folclórico de Parintins / Adson Gomes Gomes .  
Manaus : [s.n], 2025.  
50 f.: color.; 21,0 cm.  
  
TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.  
Inclui Anexo.  
Orientador: Dilce Pio Nascimento .  
  
1. Lendas. 2. Literatura oral . 3. Toadas. 4. boi-bumbá . I. Dilce Pio Nascimento (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III.  
Título

CDU(1997)81



## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, por nunca deixarem eu me molhar nas tempestades da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, que durante todo período de estudos mantiveram-se resilientes, me apoiando de todas as formas possíveis e cabíveis.

À minha família, por todo apoio e suporte ao longo de minha vida pessoal e acadêmica, em especial aos meus irmãos Wallyson, Gabriele, Adriano, Fabrício e minha prima Sabrina.

Aos meus amigos, que apesar da distância, sempre estiveram presentes de alguma forma em cada passo meu dentro da universidade.

Às amigas que fiz dentro do CESP-UEA, que sem dúvidas tornaram minha trajetória aqui dentro mais leve.

Aos professores do colegiado de Letras do CESP-UEA, por todo conhecimento e experiência repassados durante o curso.

À minha orientadora, Professora Mestra Dilce Pio Nascimento, por embarcar comigo nesse desafio e pela paciência e dedicação em todas as orientações.

Por último, mas não menos importante, agradeço a fé de cada pessoa, de todas as crenças, que depositaram em mim e me guiaram até o fim.

## RESUMO

O Festival Folclórico de Parintins, realizado anualmente no último final de semana de junho na ilha de mesmo nome, no estado do Amazonas, é um dos maiores eventos culturais do Brasil, destacando-se pelas apresentações dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso. As músicas que embalam as apresentações, chamadas de toadas, são fundamentais para a narrativa e desenvolvimento do festival, frequentemente incorporando elementos da rica mitologia amazônica, desempenham um papel essencial no desempenho do evento. Elas não apenas agitam e emocionam as três noites, mas também são veículos fundamentais para a transmissão de histórias, mitos e lendas que compõem a rica diversidade amazônica. O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre a literatura oral e as festas populares, com foco específico às toadas no Festival Folclórico de Parintins. A pesquisa busca entender como as lendas amazônicas são representadas nas toadas, que são as músicas que embalam as apresentações do evento, e qual o papel delas na preservação da cultura regional. Essas toadas, ao transmitir histórias e mitos, atuam como veículos essenciais para a continuidade da literatura oral na Amazônia, funcionando como arquivos culturais e contribuindo para a transmissão de tradições entre gerações. A metodologia adotada no estudo inclui uma análise bibliográfica sobre literatura oral e festas populares, além de uma pesquisa exploratória para investigar as lendas mais recorrentes nas toadas. A pesquisa também inclui entrevistas com compositores, participantes do evento e público consumidor, para entender as influências das toadas na construção do festival. Os principais teóricos que embasam esta pesquisa foram Cascudo (2006), Nogueira (2013), Zumthor (2000), entre outros que contribuíram significativamente para a pesquisa. A importância do trabalho reside no reconhecimento das toadas como um meio vital para a preservação e disseminação da cultura amazônica, destacando o papel delas na manutenção da identidade regional e no fortalecimento das manifestações culturais.

**Palavras-chave:** Lendas, Literatura oral, toadas, Boi-bumbá.

## **ABSTRACT**

The Parintins Folklore Festival, held annually on the last weekend of June on the island of the same name in the state of Amazonas, is one of the largest cultural events in Brazil, notable for the performances of the Bois-Bumbás Garantido and Caprichoso. The songs that accompany the performances, called toadas, are fundamental to the narrative and development of the festival, often incorporating elements of the rich Amazonian mythology, playing an essential role in the performance of the event. They not only liven up and excite the three nights, but are also fundamental vehicles for the transmission of stories, myths and legends that make up the rich Amazonian diversity. The objective of this paper is to analyze the relationship between oral literature and popular festivals, with a specific focus on the toadas at the Parintins Folklore Festival. The research seeks to understand how Amazonian legends are represented in the toadas, which are the songs that accompany the event's performances, and what role they play in preserving regional culture. By transmitting stories and myths, these toadas act as essential vehicles for the continuity of oral literature in the Amazon, functioning as cultural archives and contributing to the transmission of traditions between generations. The methodology adopted in the study includes a bibliographical analysis of oral literature and popular festivals, in addition to exploratory research to investigate the most recurrent legends in the toadas. The research also includes interviews with composers, event participants and consumers, in order to understand the influences of the toadas on the construction of the festival. The main theorists who supported this research were Cascudo (2006), Nogueira (2013), Zumthor (2000), among others who contributed significantly to the research. The importance of the work lies in the recognition of the toadas as a vital means for the preservation and dissemination of Amazonian culture, highlighting their role in maintaining regional identity and strengthening cultural manifestations.

**Keywords:** Legends, Oral literature, toadas, Boi-bumbá.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: tabela representativa em porcentagem sobre a frequência em que os ouvintes consomem toadas. Gráfico: Googleforms .....	40
Figura 2: quadro representativo em porcentagem sobre os canais utilizados para ouvir toadas. Gráfico: Googleforms.....	41
Figura 3: Quadro representativo em porcentagem se o público acredita que as toadas ajudam a manter vivas essas lendas na cultura regional. Gráfico: Googleforms .....	41
Figura 4: quadro representativo em porcentagem em relação as toadas conseguirem transmitir a essência das narrativas orais tradicionais. Gráfico: Googleforms.....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: ORALIDADE, FESTA POPULAR E ESPETACULARIZAÇÃO DAS LENDAS.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 A LITERATURA ORAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS TRADIÇÕES POPULARES .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 A ORALIDADE E AS FESTAS POPULARES: FESTIVAL DE PARINTINS .</b>	<b>16</b>
<b>1.3 AS LENDAS AMAZÔNICAS E AS TOADAS DO FESTIVAL DE PARINTINS</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 ESCOLHA DAS LENDAS .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 A LENDA NO SEU ESTADO INICIAL .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 A LENDA CANTADA – TOADAS.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 DO CONTO AO CANTO: PROCESSO CRIATIVO DOS ARTISTAS DAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ DE PARINTINS (ENTREVISTA).....</b>	<b>36</b>
<b>3.4 A PERCEÇÃO DOS OUVINTES DAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ .....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO 1: ENTREVISTA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO 2: QUESTIONÁRIO COM O PÚBLICO .....</b>	<b>51</b>



## INTRODUÇÃO

O Festival Folclórico de Parintins, realizado anualmente no último final de semana de junho na ilha de mesmo nome, no estado do Amazonas, é um dos maiores eventos culturais do Brasil, destacando-se pelas apresentações dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso.

O boi-bumbá é uma expressão lúdica que se originou entre o povo. Essa celebração cultural, além de proporcionar alegria e felicidade, contribui para a formação de princípios e valores culturais, expressando as emoções da população amazônica. Por esse motivo, acredita-se que esse Festival tenha o potencial de incentivar transformações de comportamento nas pessoas, promovendo o respeito às questões relacionadas à preservação e conservação da natureza, aos povos indígenas e à diversidade cultural, como nos orienta Inéia Souza (2011). Uma festa rica e diversificada que busca mostrar em três dias o quanto o povo “amazônida” é multicultural, destacando o papel de brancos e negros, mestiços, caboclos e ribeirinhos na construção dessa pluralidade cultural no norte do país.

As músicas que embalam as apresentações, chamadas de toadas, são fundamentais para a narrativa e desenvolvimento do festival, frequentemente incorporando elementos da rica mitologia amazônica, desempenham um papel essencial no evento. Elas não apenas agitam e emocionam as três noites, mas também são veículos fundamentais para a transmissão de histórias, mitos e lendas que compõem a rica diversidade amazônica. As toadas que narram lendas amazônicas são um meio eficaz de preservação da literatura oral da região. Em um contexto onde a oralidade é fundamental para a transmissão de conhecimentos e tradições, as toadas garantem que essas histórias continuem vivas nas memórias das pessoas, principalmente entre as novas gerações. Elas funcionam como arquivos culturais, capturando e perpetuando os contos tradicionais que definem a identidade amazônica.

Por isso desempenham um papel fundamental na valorização das narrativas e da própria literatura oral, mesma literatura que está diretamente ligada às manifestações culturais. Literatura essa, que permeia por diferentes gerações e que fazem parte da cultura de contações de estórias dos amazonenses. É bastante comum ouvir relatos de pessoas que conheceram as lendas a partir da contação de outra pessoa, geralmente alguém com mais idade, que possui esse papel de levar a partir da oralidade, as estórias

que lhe foram repassadas. Atualmente são as toadas que, também, desempenham esse papel de repassar em novas representações essas ricas heranças mitológicas.

Esta pesquisa busca explorar, através de uma análise bibliográfica, sobre a literatura oral e sua ligação com as festas populares, assim como uma pesquisa exploratória de como as lendas amazônicas são representadas nas toadas, considerando no reconhecimento das toadas de lendas amazônicas como parte da literatura oral e na preservação da cultura regional, haja visto, que são elas, as toadas, que também realizam o papel de propagação desse tipo de literatura. E para isso, além de analisar algumas lendas utilizadas com certa frequência nas composições, é preciso ouvir quem produz as mesmas, os compositores e produtores musicais. Assim como é essencial ouvir aqueles que consomem diariamente o que é produzido, para então, descobrir quais influências as toadas de lendas amazônicas possuem na construção do festival e na oralidade.

Para o embasamento teórico desta pesquisa, foram utilizados importantes teóricos que abordam temas relacionados tanto à literatura oral quanto as lendas amazônicas. Dentre eles, destaca-se Câmara Cacudo, com as obras *Dicionário do folclore brasileiro* (2008), *Geografia dos mitos brasileiros* (2002) e *Literatura Oral no Brasil* (2006). Essas obras serviram como um divisor de águas para adentrar no universo da literatura oral e das lendas amazônicas. Outra bibliografia utilizada foi a tese de doutorado de Wilson Nogueira (2013), que dialoga bastante com a temática dessa pesquisa. Com o título *A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins*, a tese objetiva contribuir com a compreensão das festas populares amazônicas para além da efemeridade do espetáculo. Essas e muitas outras bibliografias, nortearam esta pesquisa até os seus resultados finais, contribuindo com uma fundamentação teórica rica que parte primeiramente de uma imersão na oralidade e nas festas populares, seguindo da sua importância para as próprias tradições orais até chegar na sua relação com o festival folclórico de Parintins e às toadas.

A partir disso, pode-se dar respostas ao questionamento de como a oralidade influencia na perpetuação das próprias narrativas orais a partir das toadas de boi-bumbá, evidenciando ainda mais o seu papel propagador desse tipo de literatura e também mostrar o papel do Festival Folclórico de Parintins como uma ponte entre o público, de dentro e de fora do Amazonas, e as lendas amazônicas cantadas e espetacularizadas dentro da arena do bumbódromo durante o festival.

## **CAPÍTULO 1: ORALIDADE, FESTA POPULAR E ESPETACULARIZAÇÃO DAS LENDAS**

### **1.1 A LITERATURA ORAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS TRADIÇÕES POPULARES**

A literatura oral é uma das formas mais antigas de expressão cultural, desempenhando um papel crucial na preservação da identidade e memória coletiva dos povos. No contexto amazônico, as lendas representam um importante componente da cultura regional, refletindo as crenças, valores e modos de vida das comunidades locais por meio das tradições vividas e repassadas ano após ano.

A tradição reúne elementos de estórias e histórias popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticas sociais, vestígios de lendas amalgamados, confusos, díspares na memória geral confundem com certas superstições. Parece-me articular-se aos rumores clássicos, o rumor antigo, conta como dizia Camões, numa forma de comunicação de valores indistintos do saber coletivo. Sua caracterização é compreendida quando uma tradição é evocada. Quase sempre se inicia pela frase: ‘– os antigos diziam...’. Não é uma lenda, nem um mito, fábula ou conto. É uma informação, um dado, um elemento indispensável. (Casculo, 2006, p.53).

Nesse sentido, todos os autos populares, a dança dramática, as jornadas dos pastoris, as louvações das lapinhas, as Cheganças, o Bumba-meu-boi, os Fandangos, os Congos, o mundo sonoro e policromático dos reisados, que preservam fragmentos de outras representações esquecidas pela memória coletiva, resistem através de uma figura, um verso ou um desenho coreográfico, compondo os elementos vivos da Literatura Oral como nos orienta Casculo (2006).

[...]exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. (Casculo, 2006, p. 22).

Assim, a literatura oral é um meio através do qual as comunidades expressam suas experiências, crenças e relações com o meio ambiente. Destaca-se a importância do contexto performativo das narrativas orais, onde o ato de contar histórias é um evento social que fortalece os laços comunitários e reafirma a identidade cultural, como argumenta Bussato (2008). As regiões brasileiras sofreram influência de elementos de

literatura oral, de fontes impressas literárias do ambiente popular coletivo de países Europeu. A região Amazônica então passa a incorporar esses elementos pré-construídos da tradição portuguesa, desfigurado pelas classes populares não alfabetizadas, ouvintes do saber popular, decorrente de elementos como: almas penadas, tesouros dados em sonho, procissões de fantasmas, missas rezadas e assistidas por esqueletos, almas em penitências durante a noite, gritos, luzes, todos vindos através dos colonizadores como enfatiza Cascudo (2006).

O folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deverá ser sempre o popular e mais uma sobrevivência. O popular moderno, canção de Carnaval, anedota de papagaio com intenção satírica, novo passo numa dança conhecida, tornar-se-ão folclóricos quando perderem as tonalidades da época de sua criação. (Cascudo, 2006, p. 23).

Segundo Bussato (2008), em diversas comunidades aparecem nomes-chave responsáveis por trazerem até nós as histórias, costumes, valores e crenças do povo em questão. Tais elementos serão construídos pela imaginação de cada ouvinte, logo, serão únicos. Dessa forma ele enfatiza a relevância das lendas como formas narrativas que articulam a relação entre o homem e a natureza sendo ela um importante exemplo de literatura popular.

Outrossim, como tudo está sujeito às vicissitudes e exigências do tempo, para o linguista Paul Zumthor (2000), estamos falando de Literaturas da voz (no plural), justamente porque envolvem elementos essenciais da vocalidade, da performance e da recepção, onde a presença da voz e do corpo exerce um papel crucial. Segundo o autor, a vocalidade é carregada de materialidade, já que implica o envolvimento físico do locutor, que, ao estabelecer uma situação comunicativa, põe em ação simultaneamente o emissor, o texto (oral) e o receptor. Assim, aspectos subjetivos como a entonação e o ritmo da voz, as pausas, os diferentes gestos e olhares, a memória do locutor, a intenção da transmissão, além do espaço físico e temporal, é usada para reforçar o significado da mensagem e desencadear reações particulares nos ouvintes no momento da performance.

A entonação é, desta forma, percebida como uma projeção espacial da mímica laríngea... Complementarmente, tudo se passa como se o corpo do receptor se movesse de forma sincrônica durante a recepção da palavra, da mesma maneira que o locutor que a emite. (ZUMTHOR, 2005, p. 147).

Anos antes, Zumthor (1997), destaca que “A oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”. Com isso, a oralidade pode ser entendida como um conjunto de linguagens que se manifesta do ser humano para o mundo.

É nessa percepção que se pode adentrar no contexto do festival folclórico de Parintins e das lendas amazônicas representadas nas toadas. Costa e Fernando (2013), afirmam que, através das toadas, as letras costumam trazer o regionalismo, sou seja, cultura, que descrevem acontecimentos relacionados a vida rural, ou ribeirinha. Para a contação da lenda nos dias festival folclórico, tudo que é visto e o que é ouvido nesse evento, busca-se através da toada confundir o real com o imaginário, sobretudo a partir da floresta, dos rios e da cultura amazônica herdada da ancestralidade indígena.

No contexto amazônico, as lendas muitas vezes refletem a íntima conexão das comunidades com a floresta e seus elementos, como rios, animais e espíritos da natureza. Essas narrativas não apenas entretêm, mas também educam, transmitindo conhecimentos ecológicos e valores éticos. Por esse motivo, através da literatura oral, o folclore foi se inserindo nos campos das pesquisas científicas, como citado por Cascudo:

Os arqueólogos estudam os povos mortos cujos restos culturais e duráveis sobrevivem. Os sociólogos fixam as persistências psicológicas na coletividade, pesquisando origem, acomodação e influência. Os antropólogos encontram primitivos contemporâneos. Os eruditos da novelística acompanham as relações, desenvolvimento, irradiação dos temas intelectuais. Os músicos seguem a criação das linhas melódicas, a presença do ritmo, a surpresa das soluções harmônica nos brancos, negros e indígenas. Os médicos têm ao seu alcance e exame os processos de magia aplicada à terapêutica, as técnicas medicamentosas, a ciência secreta das orações, sugestões, articulando-se com as pesquisas psiquiátricas. Não é preciso argúcia para determinar a importância da Literatura Oral nas Ciências pedagógicas e a experiência credenciada pela psicologia popular para os conhecimentos administrativos. (Cascudo, 2006, p. 24).

O trecho ressalta a importância da Literatura Oral para a pedagogia e o valor do conhecimento popular para a psicologia e administração. Nesse sentido, cada disciplina contribui para entender a cultura humana de formas complementares, valorizando tanto o conhecimento acadêmico quanto as tradições orais e populares.

De acordo com Zumthor (2005), a performance da transmissão é o processo no qual um discurso poético é transmitido pela voz e, assim, captado pelo ouvido. Trata-se de uma habilidade inerente à poesia, expressa como a capacidade de se ajustar às circunstâncias e de fazer surgir o significado. Nesse contexto, percebemos a relevância

da oralidade na memória coletiva, desempenhando um papel crucial na construção da história de um povo que, ao longo do tempo, busca reforçar a conexão entre o trabalho e a identidade, reafirmando seus valores e crenças. A oralidade, em seu desenvolvimento, não se limita apenas à fala, mas também envolve a capacidade de quem escuta e a forma como compreende a mensagem. Podemos dizer que a comunicação oral da língua humana é auditivo-vocal e interativa, com objetivos comunicativos, e se manifesta em diversas formas e gêneros textuais, baseados na produção sonora da língua.

A literatura oral brasileira é formada pelos elementos que foram legados pelas três etnias que contribuíram para a formação do povo atual: os indígenas, os portugueses e os africanos. Cada um desses grupos trouxe consigo cantos, danças, histórias, lembranças de batalhas, mitos, canções de ninar, anedotas, poetas e músicos profissionais. Existe uma longa e profunda admiração por aqueles que sabiam falar e cantar, uma reverência que se espalhou entre os povos, entre as diferentes culturas como nos orienta Cascudo (2006). Entender a importância da literatura oral é sensibilizar-se com o imaginário rico e fascinante de quem o produz. As raízes da cultura popular estão ligadas de alguma forma na oralidade e isso faz dela um mecanismo essencial para a manutenção e perpetuação dessas tradições. A história e a cultura estarão sempre lado a lado, resistindo nas vozes que precisam ser ouvidas e a literatura oral é a chave para garantir um futuro que não se esqueça de suas origens. O folclore, os contos e as lendas se perpetuam quando são transmitidos oralmente dentro da comunidade, de geração em geração, e registrados pela sociedade, tornando-se um acervo essencial para entender as características de um povo. Dessa forma, permanecem vivos não apenas na memória, mas também acessíveis a todos. Assim, cabe às instituições de pesquisa, educação e à sociedade civil organizada buscar e resgatar esses conhecimentos, trazendo-os à tona para, a partir do passado, construir um futuro fundamentado em tradições, valores, crenças, cidadania e identidade cultural.

## **1.2 A ORALIDADE E AS FESTAS POPULARES: FESTIVAL DE PARINTINS**

Ao tratar das culturas populares expressas nas festas, crenças, hábitos e tradições, assim como nos conhecimentos do patrimônio cultural brasileiro, revelados por meio das danças folclóricas, dos ritos e das celebrações, busca-se ressaltar que cada espaço ou lugar carrega um significado único que o torna distinto, sendo definidor de uma identidade que contribui para o sentimento de pertencimento. E, por que não afirmar, identidades, já que diferentes expressões culturais coexistem no mesmo espaço e interagem entre si. Nesse

sentido, entender essas celebrações folclóricas é preciso compreender os elementos característicos do folclore.

Uma produção, canto, dança, anedota, conto, que possa ser localizada no tempo, será um documento literário, um índice de atividade intelectual. Para que seja folclórica é preciso uma certa indecisão cronológica, um espaço que dificulte a fixação no tempo. Pode dizer-se a época, uma época extensa, mas não a restringindo mesmo a indicação de uma década. Natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torne anônima, antiga, resistindo ao esquecimento e sempre citada, num ou noutro meio denunciador da predileção ambiental. (Casculo, 2006, p. 22-23).

Isso sugere que uma produção cultural que possa ser claramente datada e localizada no tempo, é considerada um documento literário ou um registro de atividade intelectual. No entanto, para que algo seja classificado como "folclórico", é necessário que haja uma certa indefinição temporal, ou seja, que não se possa precisar exatamente quando ela surgiu. Embora seja possível identificar uma "época" ampla em que essa produção se originou, não se pode determinar uma década específica. Além disso, a característica fundamental da produção folclórica é a sua transformação em algo anônimo e antigo, que resiste ao tempo e ao esquecimento. Quando uma criação se torna popular e se perpetua, sendo constantemente lembrada e citada, ela se torna folclórica, pois reflete uma preferência e uma memória cultural que transcende gerações e espaços.

Nesse sentido, como nos orienta Casculo (2006), o folclore nasce da memória coletiva, imprecisa e contínua. Ele deve ser sempre popular e representar uma forma de sobrevivência. O popular moderno, como uma canção de Carnaval, uma piada de papagaio com intenção satírica ou um novo passo em uma dança tradicional, só se tornará folclórico quando perder as características que marcam a época em que foi criado.

As histórias da literatura fixam as ideias intelectuais em sua repercussão. Ideias oficiais das escolas nascidas nas cidades, das reações eruditas, dos movimentos renovadores de uma revolução mental. O campo é sempre quadriculado pelos nomes ilustres, citações bibliográficas, análise psicológica dos mestres, razões do ataque ou da defesa literária. A substituição dos mitos intelectuais, as guerras de iconoclastas contra devotos, de fanáticos e céticos, absorvem as atividades criadoras ou panfletárias. A Literatura Oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, contínua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato. (Casculo, 2006, p. 25).

Desse modo, para ser reconhecida, as manifestações folclóricas passaram e ainda passam por muitos estigmas impostos pela sociedade, principalmente por aquela que se

considera dominante. Esse ponto também foi explorado pelo escritor Wilson Nogueira (2013), em sua tese de doutorado intitulada “A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins”.

O reconhecimento das manifestações folclóricas se consolida no esforço do Estado Nação se apresentar como elemento agregador das diversidades culturais. Tal reconhecimento, porém, levava em consideração a separação entre as culturas do povo e as culturas das elites. Por isso, o folclore esteve vinculado a um dos pressupostos da construção da identidade nacional brasileira, e com a autoridade de um dos principais elementos de um discurso fundador. Uma sociedade de ethos contínuo está fechada a novas convivências, a novas experiências e, por isso mesmo, refratária às influências externas. Mas essa é uma postura que, de certa forma paradoxal, alimenta os argumentos dos movimentos artísticos de resistência aos produtos da indústria cultural norte-americana, principalmente a música e o cinema, nas décadas de 1960 a 1970. (Nogueira, 2013, p.94).

O que reflete sobre como o reconhecimento das manifestações folclóricas no Brasil foi influenciado pela tentativa do Estado-nação de se apresentar como um agente que une as diversas culturas do país. No entanto, esse reconhecimento se deu dentro de uma visão que separava as culturas populares, associadas ao "povo", das culturas das elites. O folclore, assim, tornou-se um componente fundamental na construção da identidade nacional brasileira, atuando como um dos pilares de um discurso fundador sobre a nação. Outrossim, Nogueira (2013) no situa que os estudos acadêmicos sobre as festas populares geralmente se concentram mais nos impactos do mercado sobre as tradições do que nas interações entre a tradição e o mercado. Mesmo nas pesquisas que destacam os aspectos econômicos, é fácil perceber que as festas populares expandem suas motivações, interesses, atividades e efeitos por toda a sociedade.

De acordo com Nogueira (2013), a espetacularização do Boi-Bumbá em Parintins está diretamente associada à sua crescente mediação pela televisão e ao turismo em larga escala. O autor argumenta que o festival, antes uma manifestação comunitária e ritualística, foi progressivamente adaptado para atender a demandas externas, assumindo características de um megaevento. Nesse processo, elementos como a competição entre os bois, os figurinos luxuosos e os efeitos especiais ganham destaque, enquanto aspectos simbólicos e narrativos tradicionais são secundarizados.

Um dos pontos centrais da análise de Nogueira é o papel da mídia na reconfiguração do festival. A transmissão televisiva, contribui para a homogeneização estética do evento, privilegiando imagens de impacto visual em detrimento das narrativas tradicionais. O autor destaca que "a televisão não apenas documenta, mas também

modifica a festa, impondo um ritmo e uma estética que atendem aos critérios de espetáculo" (Nogueira, 2013, p. 78). Essa mediação reforça uma imagem estereotipada da Amazônia, em que o exótico e o grandioso são valorizados, enquanto as nuances culturais locais são simplificadas.

Além disso, o escritor discute como a espetacularização afeta a participação das comunidades locais. Enquanto o festival atrai investimentos e gera empregos temporários, também pode levar a uma certa elitização, em que o acesso aos bastidores e aos espaços privilegiados do evento é restrito a grupos específicos. O autor alerta para o risco de que "a festa, antes pertencente ao povo, torne-se um espetáculo para o povo, mas não mais do povo"(Nogueira, 2013, p. 112).

Com isso, cabe aqui, mencionar o Festival Folclórico de Parintins, como um grande exemplo dessa questão folclore versus economia, uma vez que ele se consolida como um grande agente divulgador de manifestações culturais e econômicas.

[...] numa época em que tudo é espetáculo, certas manifestações populares coletivas tornaram-se uma espécie de chamariz para as manifestações de puro exibicionismo televisivo. Mas o festival de Parintins é não apenas um grande espetáculo de massas que sabe usar a seu favor os veículos de comunicação, como se transformou no maior e mais importante manifestação cultural dos povos da Amazônia neste começo de século 21. Um espetáculo que, aparentemente, tem mais a ver com a indústria cultural do que com a cultura tradicional ou rústica. E é isto que é incrível, porque o festival de Parintins tem o dom de fazer com que duas coisas supostamente incompatíveis permaneçam lado a lado num mesmo sistema canônico. Dança dramática tradicional e espetáculo de massas como duas faces da mesma moeda, em que tradicionalismo e métodos de produção cultural em série se confundem num único resultado (SOUZA, 2008, p. 4-5).

Nesse sentido, o festival de Parintins, como manifestação cultural, ilustra a capacidade de adaptar e mesclar a cultura tradicional com as dinâmicas modernas da indústria cultural. Ao fazer isso, ele desafia a ideia de que essas duas esferas são opostas, mostrando que é possível preservar elementos tradicionais enquanto se utiliza as ferramentas contemporâneas de produção em massa. Assim, o festival se apresenta como uma manifestação cultural híbrida, que consegue manter a autenticidade ao mesmo tempo em que se insere na lógica de grandes espetáculos e mídia, fazendo com que as festas populares ganhem seu determinado espaço.

### **1.3 AS LENDAS AMAZÔNICAS E AS TOADAS DO FESTIVAL DE PARINTINS**

Exemplo notável de literatura oral, as lendas amazônicas surgem como importantes propagadoras desse tipo de literatura. São elas que, por meio da oralidade se difundem nas imensidões culturais de diferentes povos e línguas. Dentro do folclore brasileiro, as lendas ganham destaque de diferentes formas. Câmara Cascudo (2006), na sua obra *Literatura Oral no Brasil*, tece diferentes conceitos relacionados às lendas.

Canto, dança, mito, fábula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva. A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. Iguais em várias partes do Mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu. Mostram o ponto exato onde os pescadores encontraram, na rede de arrasto, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no Itaguaçu. No Natal há uma Pedra do Rosário onde encalhou o caixote que trazia a Padroeira da cidade, a Virgem d'Apresentação, no rio Potengi. (Cascudo, 2006, p. 52-53).

Isso sugere que as lendas desempenham um papel importante na preservação e transmissão de conhecimentos, valores e identidades culturais ao longo do tempo. Elas funcionam como um "elo" entre as gerações, fixando elementos da tradição e da memória coletiva, que ajudam a reforçar a identidade de um grupo ou povo. As lendas, por serem transmitidas oralmente, acabam preservando aspectos da cultura, história e crenças de uma sociedade, funcionando como uma ferramenta para manter vivas essas tradições e garantir que não sejam esquecidas.

Ao abordar essas questões, é importante destacar o papel dos indígenas na propagação da oralidade por meio das lendas. Parafraseando Cascudo (2006), o indígena explicava tudo de maneira natural dentro da vida extraordinária em que vivia. As estrelas, as manchas negras no céu, as épocas de cheias, as chuvas, a escuridão da noite, os animais e os rios tinham significados especiais. Antigamente, entre os indígenas, tudo existia sob outra forma, em tempos remotos, quando só existiam os avós das coisas e seres atuais, como o avô da tartaruga, o avô dos macacos e a avó dos mutuns.

A lenda dos indígenas brasileiros não teve a extensão da fábula ou do mito. Resiste quando adaptada à mentalidade mestiça. Só é evocada no seio das tribos ou nas páginas dos registros de viagens. É mais citada nos livros que lembrada no espírito do povo. Uma aventura do Matinta-pereira é de fácil depoimento nos arredores de Belém do Pará. Inútil perguntar ao informador pelas lendas. Contará mitos. (Cascudo, 2006, p. 105).

A lenda indígena brasileira, embora rica e significativa, não teve a mesma propagação ou abrangência que a fábula ou o mito em outras culturas. As lendas indígenas resistem principalmente quando adaptadas à mentalidade mestiça, ou seja, quando incorporam elementos da cultura e identidade de diferentes grupos que formaram o Brasil, incluindo influências europeias e africanas. Essas lendas continuam a ser evocadas dentro das próprias tribos ou, de maneira mais limitada, nas páginas dos registros de viagens, como um meio de preservação, frequentemente resgatadas por pesquisadores ou observadores externos. A ideia é que a lenda indígena, ao ser preservada nesses contextos, reflete uma adaptação à realidade moderna, mas ainda mantém sua conexão com o passado indígena. Essas narrativas não apenas preservam aspectos da cosmovisão indígena, mas também contribuem para a resistência e fortalecimento das culturas locais frente às influências externas.

Munduruku (2012) ressalta que muitas narrativas indígenas amazônicas foram historicamente transmitidas por meio do canto, o que reforça a ideia de que as toadas não são apenas entretenimento, mas veículos de preservação cultural. O trabalho dos compositores de boi-bumbá, portanto, assemelha-se ao de oralistas que adaptam histórias tradicionais para um formato performático, mantendo sua essência narrativa.

A relação entre as lendas amazônicas e as toadas do Festival de Parintins revela um diálogo profundo entre tradição e contemporaneidade, onde o imaginário mítico da região ganha vida através da música e da performance. Como observa Márcio Souza (2001), o Boi-Bumbá funciona como uma "máquina de significados culturais", transformando narrativas ancestrais em expressões artísticas vibrantes. As lendas do Boto, da Cobra Grande e da Matinta Pereira, estudadas por Cascudo (2008) como elementos centrais do folclore amazônico, são recriadas poeticamente nas composições que animam a disputa entre os bois Garantido e Caprichoso.

A UNESCO, em sua convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (2003), inclui as tradições orais como formas de expressão a serem preservadas. Embora as toadas de Parintins ainda não tenham um título específico da UNESCO, seu valor como literatura oral performática é reconhecido por instituições como o IPHAN, que já registrou o boi-bumbá como patrimônio cultural brasileiro (Dossiê IPHAN, 2018).

As toadas, mais do que simples canções, operam como veículos de memória coletiva. A performance cultural é ato de resistência identitária, e em Parintins esse processo se manifesta quando lendas como a do Uirapuru ou da Vitória-Régia são

transformadas em narrativas musicais que emocionam e empolgam os espectadores. A toada "Matinta" do boi-bumbá Garantido (2018)<sup>1</sup>, por exemplo, não apenas conta a história da velha bruxa, mas revive o medo e o fascínio que essa figura representa no imaginário caboclo, demonstrando o que Walcyr Monteiro (2003) chamou de "pedagogia do assombro" - onde o sobrenatural ensina sobre os perigos e mistérios da floresta.

Com isso, nesta pesquisa, busca-se analisar o papel das lendas amazônicas, no contexto da oralidade, dentro do festival de Parintins. Uma vez que a espetacularização das lendas toma proporções gigantescas, seja pelas toadas entoadas pelos dois bois, quanto pela representação delas nas grandes alegorias.

## **CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA**

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratório-descritiva, fundamentada nos pressupostos de Minayo (2014) para a compreensão dos significados culturais e de Gil (2008) para o mapeamento e descrição do fenômeno estudado. Para Gil (2008), a pesquisa é definida como um processo intencional, racional e estruturado na busca de respostas, cujo objetivo é dar respostas a um problema existente. Entende-se, portanto, que pesquisar é investigar, é a possibilidade de avançar, de qualificar algo existente ou, ainda, de descobrir e produzir algo novo numa constante relação entre sujeito e objeto, provocando o surgimento e/ou o aperfeiçoamento de métodos de pesquisa.

O estudo se desenvolve através de uma estratégia metodológica que combina pesquisa bibliográfica, análise documental e investigação empírica, visando examinar as relações entre as lendas amazônicas e suas representações nas toadas do Festival de Parintins.

O procedimento metodológico inicia-se com uma extensa pesquisa bibliográfica, seguindo as orientações de Lakatos e Marconi (2021), dentre os diversos métodos disponíveis para análise de dados qualitativos, a Análise de Conteúdo se consolida como uma das abordagens mais utilizadas no âmbito das ciências sociais e da educação. Essa preferência metodológica decorre da natureza dos dados gerados nessas áreas de pesquisa, que frequentemente se materializam por meio de instrumentos como entrevistas, questionários, observações sistemáticas e grupos focais - técnicas especialmente

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garantido/matinta/>

concebidas para apreender as percepções, compreensões e significados que os participantes atribuem aos fenômenos investigados. Tendo como base os estudos de Cascudo (2006) sobre folclore brasileiro, Zumthor (2000) acerca da performance e recepção, e Nogueira (2013) sobre as especificidades do Festival de Parintins. Paralelamente, realiza-se a análise documental de um corpus representativo de toadas produzidas pelos bois Garantido e Caprichoso no período de 2010 a 2024, selecionadas mediante critérios de recorrência temática e relevância cultural, que são as composições *A festa do boto* (2010) e *Libertárias Guerreiras* (2024), com atenção especial às composições que incorporam explicitamente narrativas lendárias da região.

Para complementar a análise documental, a pesquisa inclui a realização de entrevistas semiestruturadas com um compositor e produtor musical e espectadores, seguindo as técnicas descritas por Triviños (2015). As entrevistas buscam captar tanto o processo criativo de incorporação das lendas amazônicas nas composições quanto a percepção do público sobre essas narrativas tradicionais no contexto contemporâneo. Esta abordagem permite compreender como a literatura oral e a oralidade influenciam a criação das toadas, seja por meio de narrativas transmitidas oralmente, relatos de moradores da região ou outras fontes não escritas.

A análise dos dados segue os princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), com ênfase na identificação de categorias temáticas que permitam compreender as transformações das narrativas lendárias no contexto das performances folclóricas contemporâneas. Esta análise considera três dimensões complementares: a textual, que examina as estruturas narrativas e transformações das lendas; a performática, inspirada em Zumthor (2000), que analisa os elementos cênicos e musicais, incluindo padrões rítmicos, estruturas melódicas e dinâmicas de interação com o público; e a contextual, baseada em Nogueira (2013), que investiga o papel do festival na preservação e ressignificação cultural.

O recorte temporal de 2010 a 2024 justifica-se pela consolidação do festival como fenômeno de massa neste período, marcado por significativo aprimoramento técnico e temático nas produções, conforme destacado por Nogueira (2013). Reconhece-se, como limitação metodológica, que a ausência de trabalho de campo etnográfico restringiu a análise da recepção às fontes documentais disponíveis, sugerindo a pertinência de futuras investigações que incorporem observação direta. O tratamento ético da pesquisa obedece

às diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes.

Esta abordagem metodológica, ao articular análise documental, estudo de performances e investigação empírica, busca oferecer uma compreensão abrangente do complexo processo pelo qual as lendas amazônicas são continuamente reinventadas no palco flutuante de Parintins, mantendo sua vitalidade no imaginário contemporâneo. A triangulação de métodos aqui proposta visa superar as limitações inerentes a cada abordagem isolada, proporcionando uma visão multifacetada das relações entre tradição oral e manifestações artísticas contemporâneas na Amazônia.

## 2.1 ESCOLHA DAS LENDAS

A seleção das lendas analisadas nesta pesquisa foi guiada por critérios que consideraram sua relevância cultural, representatividade no Festival Folclórico de Parintins e acessibilidade aos criadores das narrativas. Foram escolhidas duas lendas emblemáticas, cada uma associada a um dos dois grandes bois-bumbá do festival: "Lendárias Guerreiras" (2024), do Boi Garantido, e "A Festa do Boto" (2010), do Boi Caprichoso.

O primeiro critério de seleção foi a presença significativa dessas lendas no imaginário do festival, tanto em termos de popularidade quanto de impacto na narrativa anual das apresentações.

"Lendárias Guerreiras" (Garantido, 2024) foi selecionada por trazer uma releitura contemporânea de figuras míticas femininas da Amazônia, ressignificando o papel da mulher nas narrativas tradicionais. A lenda já foi representada outras vezes pelo bumbá vermelho, como nas toadas "Icamiabas" (1993), "As Amazonas" (2000) e "Lendárias Amazonas" (2016). Assim como pelo bumbá azul, nas toadas "As Icamiabas" (2001) e "Conori - As Amazonas" (2007).

Já "A Festa do Boto" (Caprichoso, 2010) foi escolhida por ser uma das mais icônicas representações do Boto, lenda amplamente difundida na região e frequentemente tematizada no festival. Em 2018 a lenda ganhou outra versão em uma nova toada do Caprichoso, "O boto ramanceiro". O boi garantido também levou a lenda para a arena do bumbódromo com a toada "O sedutor das águas" (2011). É importante ressaltar, que essas toadas frequentemente ganham novas versões e são contadas e cantadas na arena por diferentes óticas, novas apresentações, com novas alegorias, novas dramatizações, etc.

Essa seleção buscou, portanto, equilibrar relevância cultural, representatividade no festival e viabilidade da coleta de dados, assegurando uma análise consistente e fundamentada da relação entre as lendas amazônicas e suas manifestações nas toadas de Parintins. As duas toadas de lendas escolhidas foram analisadas letra por letra, o que permitiu um melhor entendimento e conhecimento delas, identificando características presentes nas outras versões (escritas).

## **2.2 ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA**

A entrevista com o compositor e produtor musical seguiu um roteiro semiestruturado, permitindo flexibilidade para explorar aspectos relevantes sobre a relação entre literatura oral e a composição das toadas. Essa entrevista foi realizada de forma remota, via aplicativo de mensagem (WhatsApp). Foram enviadas algumas perguntas escritas e as respostas dos entrevistados foram recebidas por áudios que foram transcrevidos posteriormente. Algumas perguntas-chave incluíram:

1. Como as lendas amazônicas influenciam a criação das suas toadas?
2. De que forma se busca preservar a essência das narrativas orais tradicionais nas composições?
3. Como você traduz elementos fantásticos das lendas (como seres sobrenaturais e encantamentos) em música e letra?
4. Existe alguma preocupação em manter a fidelidade às versões originais das histórias, ou você se sente livre para reinterpretá-las?
5. A inspiração para compor uma toada baseada em lendas parte de uma pesquisa ou de memórias afetivas/coletivas?
6. Quais elementos musicais (ritmo, instrumentação, melodia) você usa para representar o clima místico das lendas?
7. Como é o processo de transformar uma narrativa oral em uma letra cantada? Você mantém estruturas como repetições ou refrões típicos da oralidade?
8. Como é feito o equilíbrio entre tradição e inovação nas composições?
9. De que maneira a musicalidade da fala amazônica (sotaques, cadências, expressões) influencia as composições?
10. Você acredita que as toadas ajudam a manter vivas as lendas amazônicas para as novas gerações? De que forma?

Essas perguntas visaram captar não apenas o processo criativo, mas também a função cultural das toadas na preservação e transformação das lendas amazônicas através da ótica de quem às produz.

Em relação aos ouvintes, foi realizado um questionário Online através da plataforma *Googleforms*. O questionário destinado ao público foi estruturado em três eixos principais: consumo de toadas, interesse por lendas amazônicas e percepção sobre a literatura oral nas composições. Ele foi realizado no dia 7 de abril de 2025 com 100 (cem) participantes no total, disponibilizado em grupos de conversas (WhatsApp) e em redes sociais como o “X”. O mesmo ficou disponível por 24 horas até atingir esse número. Algumas questões incluíram:

Consumo de Toadas:

- "Com que frequência você ouve toadas de boi-bumbá?" (Opções: Semanalmente / Mensalmente / Apenas durante o Festival / Raramente)
- "Quais canais você utiliza para ouvir toadas?" (Rádio, streaming, shows ao vivo, etc.)

Lendas Amazônicas e Identidade Cultural:

- "Você reconhece lendas como a do Boto ou das Guerreiras Amazônicas nas toadas? Se sim, qual sua preferida?"
- "Você acredita que as toadas ajudam a manter vivas essas lendas na cultura regional?" (Escala de concordância)

Literatura Oral nas Toadas:

- "Na sua opinião, as toadas conseguem transmitir a essência das narrativas orais tradicionais?" (Sim / Parcialmente / Não)
- "O que mais chama sua atenção em toadas baseadas em lendas: a melodia, a letra ou a performance?"

O questionário foi divulgado em grupos de fãs do Festival de Parintins e comunidades amazônicas nas redes sociais, garantindo uma amostra diversificada de respondentes. Esses instrumentos de coleta de dados permitiram cruzar as perspectivas dos criadores e do público, enriquecendo a análise sobre como as lendas amazônicas são recebidas e ressignificadas no contexto do boi-bumbá.

## CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS

### 3.1 A LENDA NO SEU ESTADO INICIAL

Para esse estudo, foram selecionadas duas lendas que mais se apresentam dentro do festival de Parintins pelas duas associações folclóricas (Boi-bumbá Garantido e Boi-bumbá Caprichoso). As lendas são, respectivamente: *O boto e as Lendárias Guerreiras Amazonas*.

Ao longo dos anos, as lendas são interpretadas e reinterpretadas de diferentes formas, o que as torna elementos bastante versáteis e de fácil acesso e uso. No contexto do boi-bumbá, as lendas são “espetacularizadas”<sup>2</sup> por meio das toadas e das alegorias que abrilhantam o festival folclórico. Ano após ano, as lendas dentro do espetáculo ganham diferentes versões, o que poderá ser observado a partir da análise feita nesta pesquisa.

Mas, antes de partir para a análise propriamente dita, é importante analisar as lendas do seu estado inicial, ou seja, nas origens do imaginário amazônico, antes de serem reinterpretadas pelos compositores do Festival Folclórico de Parintins. A seguir, pode-se observar a particularidade de cada lenda, e posteriormente, como ela se torna um elemento que bebe na versatilidade.

No imaginário dos ribeirinhos amazônicos os botos são conhecidos por boto vermelho e boto tucuxi, porém os estudiosos o denominaram de boto rosa e boto preto. Ao adentrarmos na lenda do boto rosa Alves e Pereira (2007), nos descrevem uma versão detalhada do mito em questão:

Existem dois tipos de Botos na Amazônia, o rosado e o preto, sendo cada um de diferente espécie com diferentes hábitos e envolvidos em diferentes tradições. Viajando ao longo dos rios, é comum ver um Boto mergulhando ou ondulando as águas à distância. Comenta-se que o Boto preto ou tucuxi é amigável e ajuda a salvar as pessoas de afogamentos, mas dizem que o rosado é perigoso. Sendo de visão ineficiente, os Botos possuem um sofisticado sistema de sonar que os ajuda a navegar nas águas barrentas do Rio Amazonas. Depois do homem eles são os maiores predadores de peixes. A lenda do Boto é também uma crença que o povo costuma lembrar ou dizer como piada quando uma moça encontra um namorado nas festas de junho. É tradição junina do povo da Amazônia festejar os Dias de Santo Antônio, São João e São Pedro. Nessas noites se fazem fogueiras e se queimam foguetes. Também há consumo de comidas típicas e se dançam quadrilhas ao som alegre das sanfonas. As lendas contam que nessas noites, quando as pessoas estão distraídas celebrando, o Boto rosado aparece transformado em um bonito e elegante

---

<sup>2</sup> Para Nogueira (2013), a espetacularização é o efeito extremo do espetáculo sobre aquilo que é espetacularizado. Enquanto o espetáculo atrai e captura o olhar do público, a espetacularização se manifesta como uma superexposição ou hipervisibilidade midiática, que, em tese, busca hegemonizar os sentidos e as sensibilidades das massas.

rapaz, mas sempre usando um chapéu, porque sua transformação não é completa e suas narinas se encontram no topo de sua cabeça fazendo um buraco. Como um cavalheiro, ele conquista e encanta a primeira jovem bonita que encontra, leva-a para o fundo do rio, engravidando-a, e nunca mais volta para vê-la. Durante essas festividades, quando um homem aparece usando um chapéu, as pessoas pedem para que ele o retire para que não pensem que é um Boto. E quando uma jovem engravida e não se sabe quem é o pai da criança, é comum se dizer que é um "filho do Boto". (Alves e Pereira, 2007, p. 55-57).

A lenda do boto cor-de-rosa é uma narrativa profundamente enraizada na cultura amazônica, serve não apenas como um mito encantador, mas também como um mecanismo social que protege mulheres em situações de vulnerabilidade. De acordo com a crença, o boto, um golfinho que se transforma em um homem sedutor durante as festividades juninas, engravida jovens e depois desaparece, retornando ao rio. Quando uma moça engravida e o homem não assume a paternidade, ela pode atribuir a concepção ao boto, evitando assim o estigma social. Nesse contexto, a lenda confere uma aura de sagrado à gravidez, permitindo que a mulher não seja julgada e possa casar-se posteriormente sem reprovação. Dessa forma, o mito transcende o imaginário folclórico, tornando-se um instrumento de resguardo cultural, que equilibra normas sociais e oferece um refúgio simbólico às mães solteiras na região amazônica.

Segundo Travassos (2014), a lenda do Boto é possivelmente a mais simbólica da Amazônia. Apesar de sua ampla fama, sua origem continua envolta em incógnitas. Por isso, supõe-se que seu surgimento esteja profundamente conectado à chegada dos portugueses ao território brasileiro. Um outro ponto relevante sobre o papel desempenhado pela disseminação da lenda no imaginário coletivo é destacado por Britto (2007). O autor sugere que a lenda do Boto também serviu como uma ferramenta estratégica para os portugueses, já que, por meio dessa história, foi possível justificar e ocultar os pecados do clero, abrangendo desde casos de incesto até atos de infidelidade conjugal.

Em relação à lenda das guerreiras icamiabas, no artigo intitulado *Intersecções entre o mito das amazonas e a lenda das icamiabas em terras tupiniquins: ci, a mãe do mato* (2023)<sup>3</sup>, os autores elaboram sobre ela dizendo:

Segundo as diversas versões da lenda, existia em terras amazônicas uma tribo matriarcal de incríveis mulheres consideradas grandes guerreiras, que não permitiam a presença masculina, e que eram as filhas da deusa da lua, Jaci. Supostamente, foram vistas por exploradores espanhóis, sob a liderança de

---

<sup>3</sup> Este artigo está disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/30789>. Acesso em: 2 abr. 2025.

Francisco Orellana em 1542, ao chegarem na região que atualmente é a Amazônia. Quando os exploradores entraram no território dessas guerreiras, na foz do rio Nhamundá, que divide Pará e Amazonas, eles foram atacados por mulheres descritas por eles como ferozes: elas estavam nuas, manuseavam arcos e flechas, e os derrotaram. [...] (Coqueiro, Silva, Zukoski, 2023, p. 321).

De acordo com a lenda, as Icamiabas eram comandadas por uma cunhantã virgem, que vivia sem contato com homens. A tribo era composta exclusivamente por mulheres, mas, durante o período de reprodução, elas capturavam indígenas de outras tribos, geralmente os guerreiros mais bonitos e fortes, para garantir a procriação. No entanto, há outras versões que indicam que, em vez de capturá-los, as mulheres convidavam os homens. Se o nascimento fosse de um menino, ele era entregue ao pai e descartado pelas mulheres, enquanto, em algumas versões, o menino era sacrificado. Caso nascesse uma menina, elas ficavam com a criança e ofereciam ao pai um colar de pedra verde, chamado Muiraquitã, no formato de um sapo.

Embora a prática mutiladora seja comum nas lendas das Amazonas gregas, onde as mulheres queimavam o seio direito para usarem o arco e flecha sem impedimentos e se tornarem habilidosas guerreiras, nas lendas das Icamiabas existe outra versão: elas simplesmente atavam o seio com uma faixa, sem danificá-lo. Isso porque essas índias acreditavam em si mesmas, como mulheres, guerreiras e mães, capazes de gerar novas cunhatãs.

A lenda do Muiraquitã está intimamente relacionada à das Icamiabas. Os amuletos são considerados extensões de Jaci, a deusa Lua, retirados do fundo do lago Jaci-arú – o Espelho da Lua, dedicado a ela. Como descrito no poema de Bruno de Menezes<sup>4</sup>:

*Os Esponsais das Icamiabas - Lenda Amazônica, 1952*

*Vai ser a Grande Noite...*

*No lago Jaci-uaruá,*

*a lua reflete sortilégios de esplendor,*

*que, para as Icamiabas, é um rito de amor...*

*Quando a hora chegar*

*de seus breves esponsais,*

*querem estar purificadas*

*e serem desposadas*

*no mistério da selva,*

*enquanto a Lua brilhar...*

*Mergulhando os corpos ágeis,*

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11754/os-esponsais-das-icamiabas-lenda-amazonica-1952>. Acesso em 18 de março de 2025.

*de amorosas guerreiras,  
 no capitoso banho lustral,  
 que a "Mãe das Pedras Verdes"  
 lhes traga do seio das águas  
 os símbolos nupciais  
 no adeus do ante-manhã...  
 Lendários esponsais...  
 O esposo de uma noite irá voltar...  
 E, para que em seus anelos,  
 lembrança desse amor possa guardar,  
 num longo trancelim de seus cabelos,  
 a esposa Icamiaba dá-lhe o Muiraquitã..."*

A lenda das amazonas, conforme mencionada por Câmara Cascudo, remete a um grupo de mulheres guerreiras que habitavam a região amazônica, simbolizando força, independência e mistério. Essa narrativa mitológica ressalta a presença de figuras femininas poderosas, que desafiam as convenções sociais e encarnam a conexão entre o humano e o natural. Cascudo (2002) descreve as amazonas sendo as protetoras de uma sabedoria ancestral, cuja existência ecoa na vastidão da floresta.

Por outro lado, *Macunaíma*, publicado em 1928, é uma obra modernista que sintetiza elementos do folclore brasileiro, especialmente do Norte, para construir uma narrativa alegórica sobre a identidade nacional. O protagonista, Macunaíma, é um anti-herói que busca a pedra "Muiraquitã", um artefato mítico que simboliza a essência da cultura amazônica. Mário de Andrade descreve a pedra como um talismã que carrega em si a memória e a alma do povo brasileiro. A busca pela pedra filosofal, nesse contexto, representa a busca por uma identidade nacional unificada. Enquanto a lenda das amazonas enfatiza o poder feminino e a conexão com a natureza, *Macunaíma* explora a fragmentação e a pluralidade da identidade brasileira. Ambas as narrativas, no entanto, compartilham um profundo respeito pelas tradições indígenas e pela riqueza cultural da Amazônia. Como observa Antônio Candido (2023), em que a obra de Mário de Andrade é uma colcha de retalhos onde se entrelaçam mitos, lendas e realidades, assim como a própria história do Brasil.

Às margens do lago, as indígenas celebravam a Festa de Jaci, que lhes conferia o poder de proteção do amuleto. Em algumas versões, durante as festividades, as mulheres se relacionavam com os guerreiros mais valentes e belos da aldeia dos Guacaris, com o

intuito de procriar. Segundo essa versão, após o ato sexual e pouco antes da meia-noite, quando a lua se refletia no lago, as Icamiabas mergulhavam nas águas para colher os talismãs, que eram então oferecidos aos pais, garantindo-lhes uma recepção calorosa onde quer que estivessem, além da proteção mágica de Jaci.

Como já mencionado anteriormente, as lendas amazônicas possuem diferentes versões que se espalham Brasil a fora. Reconhecê-las é evidenciar a sua importância, não só para a literatura oral, quanto à cultura a qual ela está ligada. Mediante a isso, no Festival Folclórico de Parintins, as lendas amazônicas ganham ainda mais destaque dentro da espetacularização nas três noites da grande festa. Nele, as lendas são apresentadas a partir das toadas, tema central do próximo tópico.

### 3.2 A LENDA CANTADA – TOADAS

A seleção das toadas que integram os álbuns anuais dos Bois-Bumbá é um processo minucioso, que envolve a colaboração de compositores, pesquisadores e líderes comunitários. Para Braga (2002), as letras das toadas apresentadas durante o Festival são fruto da criação literária de compositores locais, que se inspiram tanto em textos da literatura regional quanto na tradição oral da Amazônia, permeada por expressões oriundas da língua tupi ou do Nheengatu (língua geral), desenvolvida por missionários durante o período colonial. A música carrega reminiscências afro-brasileiras de origem banto, marcadas por um contraste ancestral entre coro e solista, com batidas em compasso binário e uma divisão rítmica que remete à dança e à contra-dança<sup>5</sup>.

Durante o evento, na apresentação de cada Boi-Bumbá, observa-se que a enunciação das toadas é realizada pelo coro, também conhecido como "galera", enquanto a função de solista cabe ao levantador de toadas. O ritmo é conduzido pela Batucada do Garantido e pela Marujada do Caprichoso, grupos responsáveis por sustentar a cadência musical. Já as coreografias seguem o princípio da dança e Contra-Dança, adaptando-se às particularidades de cada performance. Essa estrutura musical e performática reflete a riqueza cultural e a diversidade de influências que compõem o Festival Folclórico de Parintins. Além disso, para Amaral (2003), as toadas são um diálogo entre o passado e o presente, onde a voz da Amazônia ecoa através dos cantos. Esse diálogo é construído a partir de uma profunda conexão com as comunidades locais, que contribuem com saberes tradicionais e histórias orais para a composição das letras.

---

<sup>5</sup> Bonetti (2004), define a Contra-Dança como uma manifestação cultural, religiosa e artística.

Nas primeiras décadas do festival, as toadas eram marcadas por uma estrutura musical simples e letras que enfatizavam narrativas tradicionais, como a lenda do Boto, da Vitória-Régia e do Curupira. De acordo com Braga (2002), essas composições tinham um caráter ritualístico e comunitário, refletindo o cotidiano das populações ribeirinhas e indígenas. As melodias, geralmente acompanhadas por instrumentos tradicionais como maracás e flautas, eram transmitidas oralmente de geração em geração, servindo como um meio de preservação da cultura local.

Atualmente, as toadas do Festival de Parintins passaram por significativas transformações, refletindo influências de gêneros musicais modernos, como o pop, o rock e o samba. Oliveira (2015) destaca que essa evolução foi impulsionada pela necessidade de atrair um público mais amplo e de adaptar-se às expectativas artísticas do século XXI. No entanto, apesar das inovações, as toadas mantêm seu núcleo temático ligado às lendas e à cultura amazônica. Uma das mudanças mais notáveis é a incorporação de arranjos orquestrais e tecnologias de produção musical, que ampliam o impacto emocional das apresentações. Além disso, as letras passaram a abordar questões contemporâneas, como o desmatamento, a luta dos povos indígenas e a globalização, sem perder de vista suas raízes folclóricas. Como ressalta Santos (2018), as toadas contemporâneas são uma ponte entre a tradição e a inovação, onde o sagrado e o profano existem juntos em harmonia.

A seguir, pode-se observar e analisar, as letras das duas toadas de lendas amazônicas escolhidas para este estudo: a primeira se chama “Libertárias Guerreiras”, e a segunda “A festa boto”. A toda “Libertária guerreiras” está presente no álbum *Segredos do Coração* do ano de 2024 do Boi-bumbá Garantido. Os seus compositores foram Inaldo Medeiros e Fred Góes. A letra dessa composição faz menção a lenda das bravas guerreiras Icamiabas que habitavam a região do rio Nhamundá, no Amazonas.

**Libertárias Guerreiras (Boi Garantido)<sup>6</sup>**

As libertárias mulheres guerreiras  
 Montadas em bichos do fundo do rio  
 Para combater o anhangá kariwa  
 Espírito mau da destruição  
 A grande tuxaua Conori Puyara  
 Comanda o combate no Paranatinga  
 Para expulsar o inimigo invasor  
 As Ycamiabas, bonitas cunhãs  
 Cravejam de flechas o bergantim inimigo  
 Fazendo o kariwa correr da batalha  
 E assim a história logo virou lenda  
 Pra lá de além-mar  
 Verdade ou mentira, está na memória

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garantido/libertarias-guerreiras/> acesso em 27 de março de 2025.

Do povo das águas, da grande floresta  
 Que hoje faz festa pra essas mulheres  
 De fibra e coragem, Amazonas lendárias  
 Matriarcas da selva  
 Das noites de Lua  
 Na margem do lago dos muiraquitãs  
 Yaci Uaruá  
 (Autoria: Inaldo Medeiros e Fred Góes)

A toada "Libertárias Guerreiras", é uma celebração poética e cultural das Icamiabas, guerreiras lendárias associadas à região do rio Nhamundá, no Amazonas. A letra mistura elementos históricos, mitológicos e folclóricos, reforçando o imaginário amazônico e a resistência feminina.

As Icamiabas (também chamadas de Icamiabas ou Amazonas) são guerreiras presentes em relatos coloniais, como os do cronista Frei Gaspar de Carvajal (século XVI), que descreveu encontros com mulheres guerreiras durante a expedição de Francisco Orellana pelo rio Amazonas. A lenda associa essas mulheres a uma sociedade matriarcal que habitava a região do rio Nhamundá, onde supostamente não havia homens, e elas guerreavam com arcos e flechas (SOUZA, 2008; CABRAL, 2015).

A menção à "grande tuxaua Conori Puyara" (chefe guerreira) e ao "bergantim inimigo" (embarcação europeia) remete a narrativas de resistência indígena contra colonizadores, um tema recorrente no folclore amazônico.

No trecho "Montadas em bichos do fundo do rio", essa imagem pode ser associada a criaturas mitológicas da Amazônia, como o Boto ou serpentes aquáticas, que frequentemente aparecem em lendas regionais. A ideia de guerreiras cavalcando seres fluviais reforça a conexão entre o feminino e a natureza. Já o trecho em que cita "Anhangá Kariwa", o Anhangá (ou Anhangá) é um espírito maligno no folclore tupi, muitas vezes associado à destruição, como nos orienta Cascudo (2002). O termo "Kariwa" pode derivar de "carijó" (termo usado para estrangeiros ou invasores), sugerindo uma personificação do mal como o colonizador. Já os "Muiraquitãs" são amuletos verdes em forma de sapo ou outros animais, associados às Icamiabas. Diz a lenda que elas presentavam os homens com esses objetos após rituais, como cita Nimuendajú (1981). A referência à "margem do lago dos muiraquitãs" alude a essa tradição. Em "Yaci Uaruá", Yaci significa "Lua" em tupi, e Uaruá pode ser uma variação de "Iaruari" (espelho d'água). A expressão evoca a noite e o reflexo lunar nas águas, elementos místicos ligados às Icamiabas, como nos lembra Brandão (1998).

A toada segue uma estrutura narrativa típica do Boi-Bumbá, com versos simples e refrões marcantes, facilitando a memorização e o canto coletivo. A métrica e a rima são características da cultura oral amazônica, onde histórias são transmitidas através da música e/ou a oralidade em si.

A escolha de tematizar as Icamiabas no Boi Garantido (um dos principais grupos do Festival de Parintins) não é aleatória. O Boi Garantido, associado à cor vermelha, frequentemente exalta narrativas de resistência e heroísmo popular, citado por Araújo (2017). A toada resgata a figura das guerreiras como símbolo de empoderamento feminino e defesa do território, temas atuais na discussão sobre a Amazônia.

A próxima toada se chama “A festa do boto”, presente no álbum *O canto da floresta* de 2010, do Boi-bumbá Caprichoso. Composição de Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Michael Trindade.

**A Festa do Boto (Boi Caprichoso)<sup>7</sup>**

Um barulho, um festejo, o suor de uma mulher  
 Numa noite de desejo, no assobio que vier  
 Vem de léguas, de rebojos abissais  
 Vem nos sonhos das caboclas dos beirais  
 Vem como pororoca, vem como cobra grande  
 Vem pra te encantar  
 No mergulho sombrio as águas revelam  
 Um mundo estranho  
 Iaras chamam por ti  
 Dançam desnudas, ninfas, arraiais  
 Tocam trombetas, homens, crustáceos e peixes  
 Vem sentir a voz rouca das águas  
 Vem dançar no balé dos cardumes  
 Guelras, barbatanas, escamas  
 A cabocla, o beijo, o amor, se entrega ao boto sedutor  
 No castelo serpente vai dançar  
 Escadarias boiúnas que guardam o palácio  
 Pilastras de conchas corais sustentam o reinado  
 Do mestre dos peixes o senhor dos seres aquáticos  
 Vem, tem festa de boto, tem o amante da noite  
 Mascarado de sombras vem te amar  
 No encanto do boto vem dançar  
 (autoria: Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Michael Trindade)

Essa toada teve como inspiração o livro *A festa do Boto* da autora Candace Slater. Slater (2001), descreve como o boto "vem dançar, beber e cortejar as moças, sempre com seu chapéu para esconder o respiradouro no alto da cabeça". Essa imagem do sedutor misterioso, que desaparece antes do amanhecer, reflete não apenas o imaginário popular, mas também questões sociais e de gênero presentes nas comunidades ribeirinhas. A autora

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/1671033/> acesso em 27 de março de 2025.

destaca que a lenda muitas vezes serve para explicar gravidezes fora do casamento ou relacionamentos proibidos, funcionando como uma maneira de falar do indizível.

A lenda do Boto é uma das narrativas mais difundidas na Amazônia, associada ao encantamento e à sedução. Segundo a tradição oral, o boto transforma-se em um homem elegante, vestido de branco e com um chapéu (para esconder o respiradouro), que frequenta festas, seduz mulheres e depois desaparece nas águas, como nos esclarece Cascudo (2002). Veríssimo (1970), explica que a crença tem raízes indígenas (Tupi-Guarani) e foi ressignificada durante o período colonial, servindo como explicação para gravidezes não reconhecidas. O boto representa o misterioso, o erotismo e a fronteira entre o humano e o animal.

No trecho "Um barulho, um festejo, o suor de uma mulher / Numa noite de desejo, no assobio que vier", a ambientação noturna e sensual remete às festas de comunidade ribeirinha, onde o boto supostamente aparece. O "assobio" é um elemento recorrente na lenda, pois o boto emite sons característicos. "Vem de léguas, de rebojos abissais / Vem nos sonhos das caboclas dos beirais", "Rebojos abissais" sugere o movimento das águas profundas, reforçando a conexão com o mundo subaquático. "Caboclas dos beirais" refere-se às mulheres ribeirinhas, principais vítimas do encanto do boto. Já o trecho "Vem como pororoca, vem como cobra grande / Vem pra te encantar", a pororoca<sup>8</sup> (encontro violento de marés). Tanto a pororoca quanto à cobra grande (serpente mítica amazônica), simbolizam a força e o perigo do rio. "No mergulho sombrio as águas revelam / Um mundo estranho / Iaras chamam por ti", a Iara (ou Uiara), outra figura lendária, é uma sereia que atrai homens para o fundo do rio. Sua presença amplia o imaginário de sedução aquática.

"Dançam desnudas, ninfas, arraias / Tocam trombetas, homens, crustáceos e peixes", cria uma imagem de um festival subaquático, onde seres míticos e reais coexistem, reforçando o sincretismo entre natureza e magia. "A cabocla, o beijo, o amor, se entrega ao boto sedutor", descreve o momento do encantamento, quando a mulher é levada pelo boto. "No castelo serpente vai dançar / Escadarias boiúnas que guardam o palácio", "Castelo serpente" e "boiúnas" (cobras grandes) remetem a um reino submerso, governado por seres aquáticos, onde o boto é o detentor de maior poder nesse reino.

---

<sup>8</sup> Ferreira (1988), diz que pororoca é de origem tupi e indica o encontro de duas águas. Seu sentido, também de origem tupi, poro roka, quer dizer estrondo. Esse embate de águas contrárias gera movimento, imagem e som, o fluxo das águas desfaz e refaz as margens. O sol e a lua atuam, influenciando a gravidade dos corpos, da matéria água.

"Pilastras de conchas corais sustentam o reinado / Do mestre dos peixes, o senhor dos seres aquáticos", o boto é elevado à condição de rei das águas, um tema comum em narrativas amazônicas. Concluindo a toada, o trecho "Vem, tem festa de boto, tem o amante da noite / Mascarado de sombras vem te amar". O boto é descrito como um amante passageiro, que some ao amanhecer, deixando apenas lembranças. Com isso, a toada mantém viva a lenda, adaptando-a para o contexto do Festival de Parintins.

### **3.3 DO CONTO AO CANTO: PROCESSO CRIATIVO DOS ARTISTAS DAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ DE PARINTINS (ENTREVISTA)**

O Festival Folclórico de Parintins configura-se como um extraordinário laboratório de recriação cultural, onde o patrimônio imaterial da Amazônia é reinventado através da linguagem musical e cênica do boi-bumbá. Neste universo singular, as narrativas ancestrais - transmitidas por gerações através da oralidade - são transfiguradas em composições que harmonizam tradição e contemporaneidade.

Este estudo focaliza o processo criativo que transforma lendas amazônicas em toadas performáticas, examinando os mecanismos de adaptação dessas narrativas para o formato musical do festival. Como eixo central da investigação, realizou-se uma entrevista<sup>9</sup> aprofundada com o renomado compositor e produtor musical Leonardo Pantoja<sup>10</sup>, cuja trajetória artística está intrinsecamente ligada às produções dos dois bumbás de Parintins. Em 2019 participou da produção do álbum "Um canto de esperança para Mãria Brasilis" do boi Caprichoso e em 2022 foi diretor musical do espetáculo "Amazônia do povo vermelho" do boi Garantido.

A entrevista, realizada no dia 22 de abril de 2025, buscou desvendar as fontes da criação, como as narrativas orais são pesquisadas e selecionadas para se tornarem matéria-prima musical. A transposição artística, ou seja, as estratégias para converter estruturas narrativas em formas poético-musicais. Os desafios composicionais, que foca no equilíbrio entre fidelidade às origens e inovação artística e a dimensão colaborativa, que é o papel dos saberes coletivos no processo criativo individual.

A seguir, pode-se acompanhar a entrevista feita com o compositor com as devidas respostas:

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1ABb45V8Dd81jJJYiUoafTWX-dvMLstr3>

<sup>10</sup> Leonardo Pantoja é compositor e produtor musical. Atua em diversos festivais folclóricos na região Norte.

Perguntado sobre como as lendas amazônicas influenciam a criação das suas toadas,

*As lendas amazônicas passam por inspirações, né? Então, como toda musicalidade amazonense elas influenciam na parte de poesia, parte literária das obras no caso. E elas também trazem contos, trazem histórias que podem acrescentar na produção musical e na composição de uma música os climas de tensão, de terror em diversas lendas que conhecemos. Então influencia dessa maneira, com a parte mais literária e com a parte do clima das obras, pra onde elas irão. (Pantoja,2025).*

De que forma se busca preservar a essência das narrativas orais tradicionais nas composições?

*Sempre através dos nossos dialetos, das nossas palavras, das dos nossos costumes, de como nós aprendemos a contar essas histórias, né? Através de nossos pais, nossos avós. Então, essa oralidade ela é preservada dessa maneira e a gente traz para as obras essa linguagem popular essa linguagem interiorana né? Que por muitas vezes as nossas lendas são contadas por pessoas que moram no ou tem contato com o interior é dessa maneira que a gente preserva a essência dessas narrativas é através da escrita através da preservação da maneira que essas pessoas contam as histórias. (Pantoja, 2025)*

Como você traduz elementos fantásticos das lendas (como seres sobrenaturais e encantamentos) em música e letra?

*A gente usa muito de forma poética e alguns compositores usam de formas mais diretas né? Esses seres encantados, essas encantarias e a gente tenta sempre respeitar como a história é contada, como a gente aprendeu a de como ela era no caso, né? Então a gente busca muito é traduzir esses elementos de maneira poética, mas também de maneira muito com os contos como eles são sem mudar a história que nós desde sempre aprendemos. (Pantoja, 2025)*

Existe alguma preocupação em manter a fidelidade às versões originais das histórias, ou você se sente livre para reinterpretá-las?

*Como compositor, assim eu sempre me preocupo muito em manter ser fiel ao que foi contado ao que nós conhecemos sobre as lendas né? Sobre os mitos amazônicos sobre essas narrativas. Porque é importante manter além da linguagem, do dialeto, manter também a identidade desses dessas lendas né? Manter a fidelidade ao que é contado, manter a tradição né? Pra fortalecer a tradição desses contos, mas é possível sim fazer algumas releituras. mas sem mudar a história sem mudar o contexto de como elas são (Pantoja, 2025).*

A inspiração para compor uma toada baseada em lendas parte de uma pesquisa ou de memórias afetivas/coletivas?

*Essa é uma pergunta bastante interessante porque ela nos remete a dois tipos de situações né? Que são as vivências e os estudos. Mas eu acho que as duas caminham juntos para que a gente possa ter o material com mais precisão e com mais qualidade literária no caso. Pegando da parte da oralidade afetiva,*

*coletiva a gente tem os nossos contos através de nossos pais, nossos avós, dessas histórias que chegam até nós desde muitos anos e através das pesquisas dos estudos a gente tem a parte mais ampla né? De conhecer também novas lendas, de conhecer contos mais aprofundados. Principalmente os contos indígenas, as lendas indígenas que são de difícil acesso assim tem muitas lendas que as pessoas não conhecem, mas que chegam até elas através das pesquisas dos pesquisadores, então é importante os dois sempre caminharem lado a lado tanto a oralidade popular quanto os estudos acadêmicos (Pantoja, 2025)*

Quais elementos musicais (ritmo, instrumentação, melodia) você usa para representar o clima místico das lendas?

*a gente usa bastante elementos regionais, né? Mas, principalmente instrumentos virtuais que criam esse ambiente fantástico esse ambiente mais sombrio às vezes por diversas lendas conterem o conteúdo sombrio e muito instrumento de percussão assim como produtor musical falando ele enriquece muito a nossa o nosso imaginário musical no caso né? E é isso. (Pantoja, 2025)*

Como é o processo de transformar uma narrativa oral em uma letra cantada? Você mantém estruturas como repetições ou refrões típicos da oralidade?

*ele é um processo bem detalhado assim, porque... mas isso varia muito de compositor pra compositor né? Tem compositor que gosta de manter uma estrutura mais narrativa, tem compositor que gosta de ter uma estrutura mais poética, mas num geral assim é sempre uma estrutura bem detalhada descritiva da lenda né? Pode ser uma descrição mais poética uma descrição mais narrativa, mas basicamente sempre nessa linha de descrição que acontece, dos fatos que são contados e isso gera estrutura melódica e rítmica mais grande assim mais imponente (Pantoja, 2025).*

Como é feito o equilíbrio entre tradição e inovação nas composições?

*Esse equilíbrio é feito através das poesias e das letras, né? De manter viva manter essa nessas narrativas coesas com a história que nós ouvimos, com as histórias que nós recebemos então esse equilíbrio é feito na manutenção dessa tradição. De inovar somente na parte de arranjo na parte de produção musical, mas deixar os contos em si como eles são como eles sempre foram contados e jamais alterar a história no caso né? Então a gente traz essas inovações somente na parte de produção com novos instrumentos, com as novas modernidades musicais que existem hoje (Pantoja, 2025)*

De que maneira a musicalidade da fala amazônica (sotaques, cadências, expressões) influencia as composições?

*A principal influência é que esses sotaques, essas cadências, as expressões trazem para as nossas músicas é a linguagem. A maneira como a poesia simples, a poesia mais tradicional chega até a nova geração, né? Porque a gente vai também aprendendo com o passado gente aprende muito com o passado e é importante preservar essas raízes pra que nós possamos ter essas falas amazônicas dentro do nosso contexto e que elas possam se perpetuar através dos nossos contos da maneira como elas são contadas e foram contadas e serão contadas (Pantoja, 2025).*

E, quando questionado sobre acreditar que as toadas ajudam a manter vivas as lendas amazônicas para as novas gerações, ele respondeu:

*acredito sim que as toadas mantêm vivas as lendas, mantêm vivas essas tradições esses contos e é importante ressaltar como com o tempo através das pesquisas dos pesquisadores né? A gente foi descobrindo novas lendas novos contos e principalmente contos indígenas né? Que qual nós não conhecíamos, mas a gente passou a conhecer através das pesquisas através de um trabalho mais detalhado. Então é importante né? Manter viva essa tradição dos contos amazônicos para as novas gerações da maneira que eles foram contados e a forma mais fácil de fazer isso aqui em Parintins é através das nossas toadas através da música principalmente porque ela alcança praticamente todo mundo alcança muitas pessoas então a música é a maneira que a gente usa pra manter viva a essa tradição de contos e lendas da Amazônia (Pantoja, 2025).*

Através do relato do artista, analisou-se o percurso que vai "do conto ao canto" - desde a lenda em sua forma bruta, passando pelo processo de ressignificação criativa, até sua consolidação como performance musical. Esta investigação revela como os compositores de toadas atuam como verdadeiros tradutores culturais, convertendo o imaginário amazônico em expressões artísticas que dialogam tanto com a tradição quanto com as expectativas do público contemporâneo.

A entrevista evidencia ainda como esse processo criativo singular contribui para a vitalidade do folclore amazônico, demonstrando que a tradição não se preserva através da mera repetição, mas sim por meio de constantes reinvenções que mantêm sua essência cultural enquanto se adaptam aos novos contextos sociais e artísticos.

### **3.4 A PERCEPÇÃO DOS OUVINTES DAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ**

As toadas e a narrativa oral são pilares fundamentais na construção da identidade cultural amazônica, e as toadas de boi-bumbá desempenham um papel crucial nesse processo. A partir de um questionário aplicado a ouvintes de toadas, foram coletadas informações que revelam não apenas hábitos de consumo, mas também o significado simbólico que essas expressões artísticas carregam. O questionário ficou disponível em grupos de conversa e em rede social por 24 horas e obteve 100 respostas de pessoas que consomem as toadas de boi-bumbá.

A frequência com que as pessoas ouvem toadas de boi-bumbá revela um cenário de consumo marcado pelo sazonal e pelo cotidiano. Enquanto uma parcela menor dos respondentes afirmou ouvir essas canções principalmente durante o Festival de Parintins,

um grupo maior, bastante expressivo, demonstrou engajamento contínuo, escutando-as semanalmente, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Com que frequência você ouve as toadas de boi-bumbá?

100 respostas

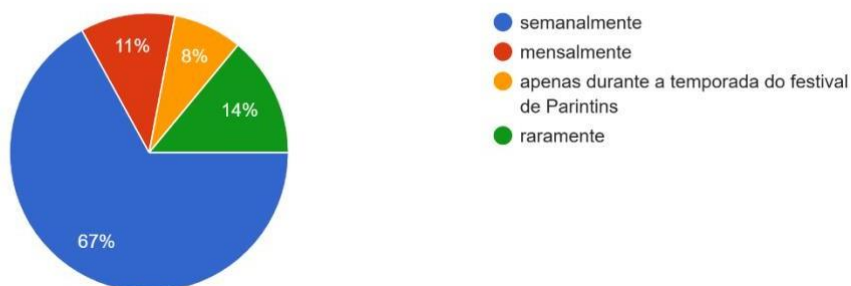


Figura 1: tabela representativa em porcentagem sobre a frequência em que os ouvintes consomem toadas. Gráfico: Googleforms

Essa dualidade sugere que, embora o boi-bumbá mantenha sua força como manifestação festiva, ele também conquistou espaço no dia a dia de admiradores que buscam na música uma conexão permanente com sua cultura.

Quanto aos canais de acesso, o streaming surge como o meio predominante, seguido por rádio e, em menor escala, os shows ao vivo. Essa preferência reflete uma transformação nos hábitos de consumo musical, em que plataformas digitais facilitam o acesso a um repertório que antes estava restrito a contextos específicos, além disso, levando em consideração o grande uso das plataformas de streaming, pode-se constatar a o consumo massivo que jovens em relação as toadas, tendo em vista que são eles, em maior número, que utilizam essas plataformas. No entanto, a relevância dos espetáculos presenciais permanece inquestionável, indicando que a experiência coletiva e performática do boi-bumbá ainda é insubstituível para alguns, como pode-se observar abaixo:

quais canais você utiliza para ouvir as toadas?

100 respostas

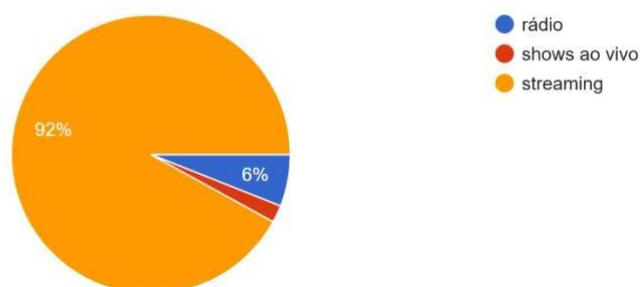


Figura 2: quadro representativo em porcentagem sobre os canais utilizados para ouvir toadas. Gráfico: Googleforms

As lendas amazônicas não apenas inspiram as toadas, mas também são reconhecidas pelo público como elementos centrais em suas letras e performances. Entre as narrativas mais citadas, destacam-se o Boto, as Guerreiras Amazônicas e a Cobra Grande, figuras que transcendem o folclore para se tornarem símbolos de identidade regional. A presença dessas histórias nas composições não é meramente decorativa; ela cumpre uma função ativa na preservação da memória cultural.

Agora, observando o quadro abaixo:

Você acredita que as toadas ajudam a manter vivas essas lendas na cultura regional?

100 respostas

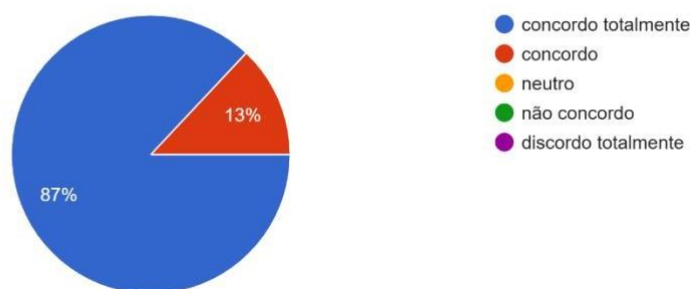


Figura 3: Quadro representativo em porcentagem se o público acredita que as toadas ajudam a manter vivas essas lendas na cultura regional. Gráfico: Googleforms.

A maioria dos participantes concordou que as toadas ajudam a manter vivas essas lendas, reforçando a ideia de que as toadas atuam como um veículo de transmissão intergeracional. Essa percepção ressalta o papel do boi-bumbá não apenas como entretenimento, mas como prática cultural que sustenta narrativas ancestrais em um mundo cada vez mais globalizado.

Quando questionados se as toadas conseguem transmitir a essência das narrativas orais tradicionais, a maioria respondeu positivamente, embora uma parcela significativa tenha avaliado que essa transmissão ocorre apenas parcialmente. Essa divergência pode ser atribuída à natureza adaptativa das composições, que muitas vezes condensam ou reinterpretam histórias complexas para se adequarem ao formato musical, como pode-se observar:

Na sua opinião, as toadas conseguem transmitir a essência das narrativas orais tradicionais?

100 respostas

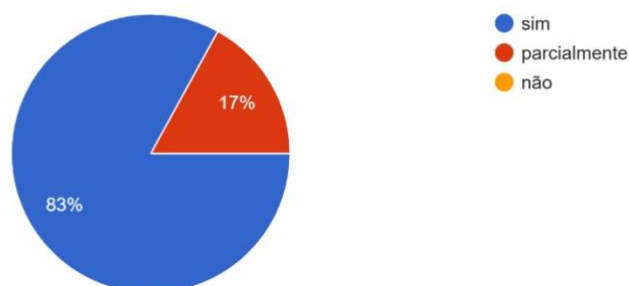


Figura 4: quadro representativo em porcentagem em relação as toadas conseguirem transmitir a essência das narrativas orais tradicionais. Gráfico: Googleforms

Curiosamente, entre os elementos que mais chamam a atenção nas toadas baseadas em lendas, a letra foi a segunda mais valorizado, superando a melodia e a performance. Esse dado sugere que, para o público, a força narrativa e poética das canções é tão importante quanto sua expressão sonora e cênica. A palavra cantada, portanto, não apenas emociona, mas também educa, perpetuando mitos e valores em um diálogo constante entre passado e presente. Entretanto, a maioria respondeu que todas as opções chamam a sua atenção, o que se pode configurar como prazeroso acompanhar todo o processo de espetacularização das toadas, desde a letra até a sua encenação na arena do bumbódromo.

Outra pergunta extra foi adicionada ao questionário: quando e onde você teve seu primeiro contato com alguma lenda amazônica? A grande maioria das respostas diziam que o primeiro contato foi feito na escola, a partir de livros que contam e recontam o nosso folclore. No entanto, uma parcela expressiva respondeu que teve contato mais afundo no Festival de Parintins, seja assistindo pela TV ou presencialmente. Esse fator evidencia novamente o papel dessa festa popular na disseminação da literatura oral. As demais respostas poderão ser visualizadas nos anexos deste trabalho.

Os resultados deste questionário enfatizam que as toadas de boi-bumbá ocupam um lugar singular na cultura amazônica, funcionando como ponte entre a tradição oral e as novas formas de consumo musical, como as plataformas de streaming. Se, por um lado, o Festival de Parintins concentra o ápice dessa manifestação, por outro, o acesso digital e a escuta cotidiana demonstram sua vitalidade além dos limites do evento, ou seja, transcende a festa popular e ganha novos rumos.

As lendas, por sua vez, confirmam-se como matéria-prima essencial dessas composições, alimentando um imaginário coletivo que resiste ao tempo. E se a letra surge como elemento mais marcante, é porque ela carrega em si a potência da narrativa, transformando cada toada em um pequeno épico cantado. Em um contexto de rápidas transformações culturais, o boi-bumbá persiste não apenas como espetáculo, mas como prática de resistência—um canto que mantém viva a voz da floresta e de seus povos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise bibliográfica levantada nesse estudo revela que as lendas amazônicas constituem um sistema vivo de transmissão cultural, cuja vitalidade se sustenta precisamente em sua natureza oral. Como observa Câmara Cascudo (2006), a palavra falada funciona como "sangue da tradição", alimentando gerações sucessivas com saberes em constante renovação. Essa metáfora orgânica ilustra com precisão o fenômeno estudado: as narrativas amazônicas preservam sua essência simbólica enquanto se adaptam criativamente a novos contextos socioculturais.

Nesse sentido, a literatura oral amazônica revela-se como complexo sistema de conhecimento, onde os mitos operam como chaves interpretativas da realidade, articulando mundos natural e sobrenatural, passado e presente. Essas narrativas transcendem sua função literária para assumir papéis educativos, comunitários e de resolução simbólica de conflitos. Os narradores tradicionais, descritos por Cascudo (2006) como "artesãos da palavra", tecem conexões entre indivíduo, comunidade e cosmos - prática que encontra ressonância nas atuais performances do boi-bumbá.

Assim, o Festival de Parintins emerge como espaço privilegiado dessa tradição em transformação, onde as lendas ganham nova vida através das toadas. Nesse palco contemporâneo, os elementos constitutivos da oralidade - musicalidade linguística, gestualidade performática e interação coletiva - são elevados à potência máxima. As composições mantêm estruturas narrativas tradicionais (repetições, fórmulas,

paralelismos), agora potencializadas por recursos musicais e cênicos, demonstrando a capacidade de adaptação criativa que caracteriza a cultura amazônica.

Em relação às respostas do compositor e produtor musical, elas revelam um profundo entendimento do papel das toadas não apenas como manifestação artística, mas como veículo de preservação e renovação da literatura oral amazônica. Suas colocações destacam que as lendas cantadas nos festivais não são meras adaptações musicais, mas sim uma continuação viva da tradição narrativa da região, reafirmando sua importância como expressão cultural. O entrevistado deixa claro que as toadas mantêm a estrutura oral das narrativas tradicionais, incorporando repetições, refrões e até mesmo expressões regionais que remetem ao modo de falar dos contadores de histórias. Isso demonstra que a música funciona como uma ponte entre a oralidade ancestral e a contemporaneidade, garantindo que as lendas não se percam no tempo. Como ele mesmo afirma, "a música é o veículo, mas o coração da narrativa tem que ser o mesmo" – o que reforça a ideia de que as toadas são, em essência, literatura oral musicada.

Outrossim, a resposta sobre o impacto nas novas gerações é crucial: as toadas são um dos principais meios pelos quais jovens amazônidas entram em contato com suas próprias tradições. Em um mundo onde a cultura massificada muitas vezes apaga narrativas locais, a música popular cumpre um papel fundamental na sobrevivência da literatura oral. Como o próprio compositor diz, "muitos jovens não param pra ouvir as histórias dos avós, mas cantam sobre o Curupira sem perceber que estão aprendendo sua própria história".

Diante dessas reflexões, fica evidente que as lendas cantadas dentro do festival não apenas podem, como devem ser vistas como um importante exemplo de literatura oral. Elas cumprem a mesma função dos antigos contadores de histórias: transmitir saberes, valores e o imaginário coletivo de um povo, só que através da música. Mais do que entretenimento, as toadas são documentos vivos da cultura amazônica, provando que a tradição não precisa ficar presa ao passado – ela pode (e deve) se reinventar para seguir existindo.

Os dados sobre a recepção dessas toadas confirmam sua eficácia como veículos de transmissão cultural. Apesar das transformações nos meios de consumo (com destaque para o streaming), a essência oral permanece ativa tanto na preservação do conteúdo mítico quanto nos modos de circulação dessas narrativas. Assim, o festival cumpre uma

dupla função: preserva elementos fundamentais da tradição enquanto os reinventa para dialogar com novas gerações.

Esta investigação aponta para a necessidade de abordagens que compreendam as toadas não como meras adaptações folclóricas, mas como continuidade orgânica da tradição oral. O desafio contemporâneo reside em apoiar processos de transmissão que respeitem a natureza dinâmica dessas narrativas, evitando tanto sua fossilização quanto sua descaracterização. Como demonstram os dados, as toadas bem-sucedidas são aquelas que mantêm o equilíbrio entre fidelidade ao núcleo mítico e abertura à inovação artística. Com isso, o estudo sugere caminhos promissores para pesquisas futuras, particularmente no que concerne às estratégias de adaptação narrativa e aos modos de recepção entre diferentes gerações. Fica evidente que a oralidade, longe de desaparecer, transforma-se - migrando das rodas de contação para os palcos festivos e plataformas digitais, sem perder sua função essencial de guardião da memória coletiva amazônica.

Portanto, as toadas de lendas amazônicas são muito mais que simples canções, elas são a voz viva da literatura oral da região, garantindo que narrativas ancestrais não se percam no tempo. Em eventos como o Festival de Parintins, essas composições ganham palco e significado coletivo, transformando-se em ferramentas poderosas de resistência cultural. Ao unir música, tradição e performance, as toadas não só mantêm as lendas acessíveis às novas gerações, mas também as inserem em um contexto de celebração e identidade. Assim, o festival – com seus bois-bumbás, coreografias e cantos épicos – torna-se um espaço sagrado de transmissão oral, onde a memória do povo da Amazônia é perpetuada com emoção e orgulho. Enquanto as toadas ecoarem na arena, as histórias seguirão vivas, provando que a cultura da floresta não se apaga: ela se renova, se canta e se dança, geração após geração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Maria de Castro; PEREIRA, Maria Antonieta. **Lendas e Mitos do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- AMARAL, Rita. **Festas e folguedos: cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- ARAÚJO, Alceu. **Parintins: O Festival da Cultura Popular**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016
- BONETTI, Maria Cristina de Freitas. **Contra-Dança: Ritual e Festa de um Povo**. 2004. 195 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.
- BRAGA, Sérgio Ivan. **Parintins: o festival da cultura popular**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- BRANDÃO, Sylvana. **Mitologia Indígena Brasileira**. Belém: CEJUP, 1998.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, 2016.
- BRITTO, Apolonildo. **Lendário amazônico**. Coletânea de lendas publicadas na Revista View. Manaus, AM: Norte Editorial, 2007.
- BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2008.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Global, 2002.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

- COSTA, Marcos Antônio Lima; DA COSTA FERNANDO, Adelson. **A composição da toada na Amazônia e a festa do boi-bumbá: a poética do imaginário do compositor.** Revista Eletrônica Mutações, v. 4, n. 7, 2013.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um Estudo da Vida Religiosa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques. (Coord.). **O Grande Livro do Folclore.** Belo Horizonte: Leitura, 2004.
- IPHAN. **Dossiê do Registro do Complexo Cultural do Boi-Bumbá.** 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MENEZES, Bruno de. **Obras completas.** Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. v. 1, p. 495. (Lendo o Pará, 14).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MONTEIRO, Mario Ypiranga. **Aspectos da Cultura amazônica.** Separata de: Revista do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas, Manaus, n. 1, 1986, p. 43-75.
- MONTEIRO, Walcyr. **Visagem e assombração de Belém: lendas e mitos da Amazônia.** 4. ed. Belém: CEJUP, 2003.
- MUNDURUKU, Daniel. **Contos Indígenas Brasileiros.** São Paulo: Global Editora, 2012.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **Lendas dos Índios Amazônicos.** São Paulo: Edusp, 1981.
- NOGUEIRA, Wilson. **A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins.** 2013. 244 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- OLIVEIRA, Maria do Socorro. **A evolução das toadas no Festival de Parintins.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.
- PANTOJA, Leonardo. **Entrevista com compositor e produtor musical,** concedida dia 22 de abril em Parintins-AM, 2025.
- RIBEIRO, Paula Simon. **Folclore: similaridades nos países do Mercosul: lendas, mitos, religiosidade, medicina e crenças do povo.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

- SANTOS, João Carlos. **Cultura e identidade na Amazônia contemporânea**. Belém: Editora da UFPA, 2018.
- SLATER, Candace. **A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica**. Rio de Janeiro: FUNARTE; 2001.
- SOUZA, Inéia Simas de. **Festival folclórico de Parintins: um olhar sociocultural e educacional**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- SOUZA, Márcio. “**A Amazônia em perigo? O Garantido responde**”. In: Revista do Garantido 2008, p. 12-13.
- SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Agir, 2001.
- TRAVASSOS, Maria do Rosário de Castro. **Mitos de origem e processos identificatórios na Amazônia: uma visão psicanalítica**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2014.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2015.
- VERÍSSIMO, José. **Lendas Amazônicas**. Belém: SECULT, 1970.
- ZUKOSKI, Ana Maria Soares; SILVA, Miriam Cardoso da; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Intersecções entre o mito das amazonas e a lenda das icamiabas em terras tupiniquins: Ci, a Mãe do Mato**. Ideação Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde, Foz do Iguaçu, v. 25, n. 2, 2023, p. 315-333.  
<https://doi.org/10.48075/ri.v25i2.30789>
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

**ANEXOS**

**ANEXO 1: ENTREVISTA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Link: <https://drive.google.com/drive/folders/1ZgzG1WB14IjrX0Ai9FS299i2Pv4gvOFZ>

## **ANEXO 2: QUESTIONÁRIO COM O PÚBLICO**

Link:

[https://drive.google.com/drive/folders/1TGTvWKEs100aySkmrDteu81QbtUbH\\_F2](https://drive.google.com/drive/folders/1TGTvWKEs100aySkmrDteu81QbtUbH_F2)